

ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO: Um Diálogo Possível?

Janirza Cavalcante da Rocha Lima (FUNDAJ)¹⁰¹

Resumo

A importante questão interdisciplinar no âmbito das Ciências Sociais encontra, na relação entre Educação (o campo educacional) e Antropologia, talvez a mais profícua das experiências interdisciplinares hoje existente. Basta lembrar, a esse respeito, que inúmeras das novas temáticas, hoje abraçada por profissionais da educação, têm a ver com a influência que veio da disciplina Antropologia, assim como, a forma de abordá-las, é o que, em síntese, pretendo demonstrar. Para dar conta da tarefa que gira em torno dessa experiência tomo como ponto de partida os encontros acadêmicos bianuais da Epenn, por entender que ali se encontra expressado de forma inequívoca o que está ocorrendo.

Palavras-chave: Educação; Antropologia; interdisciplinaridade; Epenn

¹⁰¹ Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), Pesquisadora Sênior da Fundação Joaquim Nabuco. E-mail: jana@fundaj.gov.br.

INTRODUÇÃO

Trilhar novos caminhos pressupõe ultrapassar umbrais para um percurso iniciático, uma porta entreaberta que convida ao devaneio, à imaginação criadora ou, às vezes, percorrer inusitadas veredas nas instigantes encruzilhadas da vida profissional. Desnudar a presença da Antropologia nos fenômenos educacionais analisados pelos profissionais da Educação e apresentados nos Encontros bianuais de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste e organizados pelos Programas de Pós-Graduação em Educação da região, é entender que ali se encontra expressado, de forma inequívoca, as interfaces, os diálogos possíveis estabelecidos com a Antropologia.

Este texto consiste numa tentativa de discutir alguns dados, ainda, preliminares, da aproximação teórico-metodológica entre Antropologia e Educação. A opção de tomar como campo analítico a produção intelectual que convergiram para esses Encontros bianuais teve a inspiração nas formulações de Bourdieu (1976), quando o autor trata da estrutura de um campo científico e dos processos de reconhecimento e legitimidade conferidos àqueles que dele participam. Nesse sentido,

as escolhas, ordenações, seleções e demais atos que configuram a existência e as formas de organização assumidos pelo Gt, direta ou indiretamente, trazem as marcas das relações de força e de poder próprias de um espaço que atua no sentido de realização [da] função de legitimação (AZEVEDO e AGUIAR (2001, p.51).

Tomando por instrumento os Anais dos Encontros, procuro detectar como essa presença aparece ao longo dos últimos cinco encontros. São neles que brotam os esforços, as dúvidas teóricas e metodológicas e o lugar conferido à interdisciplinaridade no campo da pesquisa educacional.

A interrogação que nos inquietou em cada busca de resposta, suscitou outras questões e outras respostas foram dadas, num contínuo movimento circular. A indagação norteadora que se levanta, é esta: será possível perceber um diálogo entre a Antropologia e a Educação nos Encontros de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste- Epenn nos anos de 1999,2001, 2003,2005, 2007 e 2009?

Edgar Morin parece-nos apontar uma direção para essa resposta quando coloca que, em geral,

os setores especializados do saber são compartimentados e fecham-se em um domínio, muitas vezes delimitado de maneira artificial, ao passo que deveriam estar unidos em um tronco comum e se comunicar entre si (MORIN, 2003, p. 149).

O caminho sugerido por Morin é exercitar a re-ligação dos saberes, produzindo um conhecimento que rejunta os fragmentos elaborados pelo saber disciplinar e aponta na condução de reflexões e práticas que estimulam um diálogo fecundo entre os vários campos da ciência, ou seja, aceitar o desafio de reconsiderar seus saberes e fazeres. Há como um consenso de que não existe uma metalinguagem única, sob a qual todas as *“produções científicas devam ser traduzidas, transcritas e avaliadas”*. Intercambiar seria a palavra de ordem.

Considero importante destacar, de imediato, que o resultado aqui exposto é fruto de um levantamento de caráter inicial, apoiado numa base documental para dar sustentabilidade às reflexões dele decorrente. Trata-se, pois, de um balanço preliminar e por isso mesmo parcial, com o único objetivo de colocá-lo em discussão. O que se pretendeu fazer não foi simplesmente olhar os trabalhos apresentados em uma linearidade espaço-temporal e, sim, na interface de sonhos, luzes, aproximações, distanciamento e reaproximações presentes no exercício do olhar. Ao verificar os trabalhos apresentados nos eventos como documento iniciático da presença e/ou contribuição antropológica nas análises efetuadas, tentou-se, na verdade, reconstruir o momento da introdução do saber/fazer antropológico, ou seja, o momento em que a predominância dos processos pedagógicos cede lugar a uma nova abordagem dos fenômenos educacionais.

TRAÇANDO O MAPA: AS URDIDURAS DO DIÁLOGO

Um mapa, segundo Deleuze (1992), é aberto, composto de diferentes linhas, apto para admitir modificações constantemente. Isto significa dizer que o campo que está sendo mapeado não se encontra hermético ou acabado. Ele estará sempre em movimento e aberto a outras construções, reconstruções e significações.

Creio ser pertinente a idéia de percorrer o caminho traçado pela história da educação brasileira como campo referencial, na dimensão macro do estudo, para que seja possível armar o diálogo epistemológico entre o que foi produzido nacionalmente e

a produção de textos apresentados nos Epenn. Assim, em primeiro lugar, vai-se expor a literatura que trata do tema.

ANGELUCCI et alii, em instigante artigo alertam para o fato de que

a importância de balanços periódicos do estado das coisas é múltipla. Esses balanços podem detectar teoria e métodos dominantes; pôr em relevo aspectos do objeto de estudo que se esboçam nas entrelinhas das novas pesquisas; revelar em que medida a pesquisa recente relaciona-se com a anterior e vai tecendo uma trama que permita avançar na compreensão do objeto de estudo pela via do real acréscimo ao que já se conhece ou da superação de concepções anteriores (2004, p.53).

Seguindo a linha de argumentação de ANGELUCCI et alii pode-se avaliar as continuidades e descontinuidades teóricas e metodológicas e o quanto esta história se faz por repetição ou ruptura. Na área da pesquisa educacional não poderia ser diferente e um estudo da situação atual da pesquisa nesse tema não pode desvalorizar levantamentos anteriores realizados. Vários autores têm se empenhado, periodicamente, a fazer levantamentos da produção do conhecimento no campo educacional. Busco, então, o apoio de estudos que se converteram em paradigmas ao se debruçarem sobre essa questão, como os de Aparecida Joly Gouveia (1971); Luiz Antônio Cunha (1991); e Bernadete Gatti (1992, 2001). Como leitura complementar, a escolha recaiu sobre autores como M. Malta Campos & Osmar Fávero (1994); Sofia Lerche Vieira (1985); Marisa Vorraber Costa (1994); Silke Weber (1992); Guiomar Namó de Mello (1983); Miriam Warde (1990); Marluce Alves Paraíso (2004) e Marli André (1997), entre outros.

Joly Gouveia apresenta um estudo histórico da pesquisa educacional brasileira, suas temáticas e metodologias e as condições em que tem sido inserida. Joly Gouveia foi pioneira na abordagem da questão enfatizando a consonância da pesquisa empírica na área da educação com a adoção da política desenvolvimentista predominante na década de 1950 onde a educação escolar era tida como fundamental na construção de *uma sociedade mais próspera e mais democrática*. A autora chama a atenção que nesse período, *educação associava-se frequentemente a mudança, desenvolvimento e modernização* (1985). Chamou a atenção ainda para a oscilação temática existente na área educacional com predomínio de um ou outro tema sem uma linha teórica ou metodológica que fundamentasse a tônica privilegiada em diferentes períodos.

Sem a pretensão de discorrer sobre uma questão tão complexa, será feito apenas uma breve reconstituição esquemática do desenvolvimento da pesquisa educacional brasileira que, em seu início, já fortemente marcada, principalmente, nas décadas de 1940 e 1950, pela psicomетria. O foco da atenção era dirigido à *mensuração dos processos psicológicos envolvidos no ensino-aprendizagem, especialmente ao desenvolvimento de medidas no rendimento escolar* (MELLO, 1983, p. 68). O exemplo dessa tendência é encontrado no então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos que possuía serviço de Psicologia aplicada configurando aquilo que Joly Gouveia (1971) identificou como a primeira fase, *a tendência de estudos de natureza psicopedagógica*.

A ênfase nos estudos psicológicos foi substituída pela preocupação com estudos sociológicos, que a mesma autora chamou de *a tendência de estudos de natureza sociológica*, uma segunda fase que abrange os períodos de 1956 a 1964. Nessa fase observa-se como foco da pesquisa educacional a *questão da organização social da escola, relação entre educação e sociedade*, com a produção de *survey* e tentativas de análise macroscópica sobre certos aspectos da sociedade local, regional ou nacional.

Com a reordenação sociopolítica brasileira imposta pelos militares (1968 a 1974), a tônica da pesquisa educacional centra-se nos estudos de *tipo econômico inspirados direta ou indiretamente na teoria do capital humano*, como pontua Guiomar Namó de Mello (1983, p. 68). Começa então a ganhar fôlego e destaque a partir dos anos 1960 os estudos de natureza econômica, com trabalhos sobre *educação como investimento, demanda profissional, formação de recursos humanos, técnicas programadas de ensino*, para exemplificar. Aparecem temas como Educação e Investimento, Custos da Educação e as relações entre mercado de trabalho e formação profissional. É a chamada terceira fase, na perspectiva de Joly Gouveia.

Em 1970 e 1971 reaparecem os estudos psicopedagógicos, com uma nova roupagem: a preocupação técnica. O olhar dos pesquisadores volta-se para o estudo sobre currículos, programas, estratégias de ensino e avaliação. Luiz Antônio Cunha (1991), completando a exposição de Joly Gouveia sobre as três primeiras fases da evolução da pesquisa educacional, introduz uma “quarta fase”, inaugurada em 1971, e que se caracteriza pelo *papel preponderante desempenhado pelos programas de pós-graduação*. O autor faz crítica severa a dependência em relação a enfoques e metodologias desenvolvidas em centros mais avançados e importados sem um criterioso questionamento de suas bases filosóficas e políticas. Para Guiomar Namó de Mello,

tais vieses condicionaram um modo determinado de entender o objeto da pesquisa educacional, reduzindo-o a seus aspectos estritamente técnico-operativo e/ou definindo as relações entre processos educativos e a sociedade em termos de sistemas e sub-sistemas harmônicos (MELLO,1983, p. 67).

A grande fonte de produção da pesquisa educacional na década de 1980 concentra-se nas produções institucionais (dissertações de mestrado e teses de doutorado), com a hegemonia do tratamento das questões educacionais com base em teorias de inspiração marxista. A intensa expansão do ensino superior e da pós-graduação com a necessária formação de quadros, notadamente, no exterior é fortemente observada na segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990. O retorno desses quadros profissionais traz contribuições que começam a produzir grande diversificação nos trabalhos tanto em relação às temáticas como às abordagens.

Não é demais lembrar que nesses anos se consolidam grupos de pesquisa em algumas subáreas da Educação, quer sejam premidas por necessidades institucionais, em virtude das avaliações de órgãos de fomento à pesquisa, quer sejam pela maturação dos grupos que durante as duas décadas anteriores vinham desenvolvendo trabalhos integrados. A existência de grupos consolidados de investigação, expressada nos Grupos de Trabalhos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- ANPEd, é um indicador bastante expressivo da produção.

No entanto, Bernandete Gatti (2001) aponta que apesar das tentativas por implementar a pós-graduação em Educação nas universidades e construir e consolidar os grupos de pesquisa, ela ainda se caracterizava por uma grande dispersão e variação temática e limitava-se a um número reduzido de equipes com alguma tradição nas análises de temas específicos. Pontua e enfatiza a autora quanto à inexistência de tradição na realização de pesquisa interdisciplinar. Para Gatti, isso era o elemento impeditivo para a acumulação da experiência e continuidade necessárias a uma maturação no trato com os problemas educacionais brasileiros. E, por último, a autora ressalta que a área da Educação estava relativamente isolada na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Na mesma direção, Silke Weber (1992) em seu artigo aponta que

a vinculação educação/projetos de sociedade continua a constituir um traço da produção acadêmica, mesmo quando a escola passa a ser percebida como uma instância de reprodução das relações sociais de produção, seguindo a vertente aberta por Althusser (1970) ou como

instrumento de imposição da cultura dominante, na trilha de Bourdieu.

Mais adiante completa,

Vale salientar que a recepção de tais correntes, na década de 70, se constrói, do ponto de vista acadêmico, no contexto da multiplicação de cursos de pós-graduação nas diferentes áreas das Ciências Sociais e da Educação, percebida pela política governamental como condição indispensável para situar o país entre as nações desenvolvidas, aspectos estes que raramente os estudos analisam. Do ponto de vista sócio-político, a aceitação generalizada de tais teorias realiza-se no âmbito do avanço da luta contra o regime autoritário, parecendo, pois, pertinente a hipótese sugerida por Gouveia (1985), que relaciona essa ampla adesão à rejeição do Estado opressor, percebido como estando exclusivamente “a serviço dos interesses das classes dominantes (WEBER, 1992, p.24).

Essa breve revisão da literatura sobre o histórico da pesquisa educacional brasileira, efetuada com base em estudos realizados por vários autores, revela que o tema da produção no campo educacional passou por “crises”, avanços e recuos. Da leitura dos artigos paradigmáticos de consagrados autores e de outros que tratam da questão, foi revelador de quão salutar foram às discussões que permearam esse campo investigativo. Nesse sentido tomo aqui parte de um texto de Gatti (1992) bastante elucidativo, onde ela diz que: *É uma constante, pois, a discussão relativa às questões de teoria, método e objeto na pesquisa em Educação, quer sob o ângulo do produto das pesquisas, quer sobre o ângulo de seus fundamentos.* E arremata:

as análises sobre os fundamentos, adentrando os anos 80, acham-se apoiados pelas perspectivas do materialismo dialético, em alguns casos, ou das teorias críticas, em outros. Sabemos bem que todos esses problemas perpassam nosso cotidiano de pesquisadores e que não são tranquilos os embates intelectuais que se travam para avançar sobre alguns impasses (GATTI, 1992, p.109).

No final do artigo intitulado “Pesquisa em Educação: um tema em debate”, a autora, de maneira contundente, faz uma síntese da questão, ao argumentar que *conflitos entre posturas epistemológicas; diferenciais de métodos e utilização de técnicas, avanços na explicitação do objeto, problemas de natureza institucional fazem parte do vivido nas lides dos que trabalham com a investigação científica* (p.110). E, prosseguindo sua argumentação ela enfatiza

É preciso reconhecer que não temos [os acadêmicos] nos omitido no enfrentamento desses problemas, mas que, por outro lado, nem tudo o que se faz sob a égide da pesquisa educacional pode ser realmente considerado como fundado em princípios da investigação científica, traduzindo com suficiente clareza suas condições de generalidade e simultaneamente de especialização, de capacidade de teorização, de crítica e de geração de uma problemática própria, transcendendo pelo método não só o senso comum, como as racionalizações primárias. (op.cit. 1992, p.110)

Como se pode notar o mapa da produção científica na área da Educação está em aberto e como tal suscetível de modificações e acréscimos, como pontua Deleuze. Tendo esse quadro de referência, a cartografia realizada a partir dos Epenn procura dimensionar quais os fenômenos educacionais analisados nas mais diversas produções acadêmicas expostas nos Encontros e de certo modo apontam aproximações ou interfaces com o campo da Antropologia.

Segundo consta no portal do Epenn realizado na UFPB, *é um dos maiores e mais antigos eventos de pesquisa em educação do país e o considerado o mais importante das regiões Norte e Nordeste, inclusive qualificado no Qualis Evento da Capes, como nacional*. O Epenn a partir de 1993 adotou a bianualidade como periodicidade para esses Encontros.

O XIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste (1999), organizado pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA foi realizado em Salvador e teve como tema central a **Avaliação Institucional**.

Em 2001, realiza-se o XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, tratando do tema **Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania**. Desta vez, o encontro foi em São Luis no Maranhão, numa promoção conjunta entre os programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade da Amazônia (UA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, realizou-se em Aracaju, em 2003, e sua temática geral focalizou **Educação, Pesquisa e Diversidade Regional**, numa promoção da Universidade Federal de Sergipe/Núcleo de Pós-Graduação em Educação.

Em 2005 o XVII Encontro teve como temática **Educação, Ciência e Desenvolvimento Social**, sendo realizado em Belém do Pará, sob a chancela da UFPA. Para o XVIII, a escolha foi direcionada para **Política de Ciência e Tecnologia e formação do Pesquisador em Educação**, sediado em Maceió-Alagoas, em 2007 sob a coordenação da UFAL.

O tema geral do XIX Encontro, em 2009, intitulou-se **Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social**, na cidade de João Pessoa - Paraíba, contou com a participação de 14 instituições de ensino (UFPB,UFAL,UFAM, UFBA, UFS, UFC, UFMA, UFPA, UFPI, UFRN, UEPA,UECE e UNEB).

Analisando os seis encontros, em conjunto, os dados apontam que os profissionais da Educação, tradicionalmente voltados para a didática, os processos pedagógicos, currículo, alfabetização, formação dos professores, políticas educacionais estão abrindo seus espaços para um novo olhar, embora insipiente para as temáticas antropológicas.

O acompanhamento da produção acadêmica no Epenn de 1999 conduziu a um simultâneo rastreamento do detalhe, da singularidade que emergia dos 436 títulos apresentados e distribuídos nos vinte grupos de trabalhos. Neles, aparecem, sem dúvida, as primeiras evidências, indícios ainda, fragmentos dispersos, mas, que ajudam a descortinar o diálogo com o campo investigativo da Antropologia. No GT-História de Educação foram detectados apenas três títulos e neles aparecem as temáticas da identidade e da memória.

No GT - Movimentos Sociais e Educação – encontram-se dois trabalhos que versam sobre os afrodescendentes. Dos 69 trabalhos apresentados no GT- Formação de Professores, somente dois encontram-se ligados à Antropologia. Um deles, orientado por Eliete Santiago (UFPE) intitulado *A afrodescendência e educação: a concepção identitária do aluno*. O outro, intitula-se *O curso de formação de professores para o ensino fundamental da Universidade Estadual Vale do Acaraí-UVA – um estudo psico-social-antropológico*. Neste último, o quadro epistemológico foi centrado no Paradigma da Complexidade desenvolvido por Edgar Morin, aliado à Antropologia das Organizações e da Educação, de Paula Carvalho e complementado pela Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand.

Mas se, aqui, alguns sinais indicam ou deixam antever uma aproximação com a Antropologia, há momentos em que essa aproximação é visível e se revela

explicitamente como se pode notar num trabalho do GT- Currículo: *Cultura e historicidade: um estudo de formação de conceitos na quarta-série*, proveniente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nele, o conceito antropológico de cultura é o ponto de partida para a elaboração conceitual e da compreensão do processo histórico por parte das crianças. Outro, cuja procedência é a Universidade Federal do Maranhão, no qual focaliza a situação do negro no Brasil, com o sugestivo título: *Refletindo sobre a discriminação escolar*,

Todos os trabalhos acima explicitados remetem a um diálogo, em primeiro lugar, com a literatura produzida no próprio âmbito do campo educacional, seguido de aportes teórico-metodológicos da Antropologia.

O resultado do levantamento da produção do Epen 2001 aponta para um expressivo número de trabalhos apresentados, totalizando 689 títulos, bem como registra uma significativa mudança na composição dos Grupos de Trabalho, com o acréscimo de dois novos campos temáticos: Novas Tecnologias e Educação e Educação e Diversidade Cultural. Foi, sem dúvida, a instalação do Grupo de Trabalho denominado **Educação e Diversidade cultural**, um marco representativo de um momento de reorientação da rede organizativa do campo educacional puramente pedagógico para outros espaços, outros olhares, outros diálogos. Creio que esse novo grupo de trabalho se constituiu um importante fórum de debate, orientado tanto pelo imperativo de conciliar uma postura de incentivo à inovação teórica, temática e metodológica para o estudo dos fenômenos educacionais, quanto por um esforço de construção coletiva de referências críticas que permitissem fazer avançar a reflexão sobre o conhecimento produzido e sobre a própria prática da pesquisa que o produz.

Dos 53 títulos encontrados no GT- História da Educação dois trabalhos aproximam-se da Antropologia. Um deles utiliza o levantamento etnográfico como base metodológica e se intitula *Lugares da memória: os saberes populares e a construção da cidadania pela educação comunitária* (UFC). O outro trabalho, *O livro da fotografia: documento do olhar* (UFRN/Grecom - Grupo de estudos da Complexidade) apóia-se analiticamente nos autores Morin, Bachelard, Guatarri, Foucault e Lévi-Strauss.

O GT- Movimentos Sociais e Educação abrigou 44 títulos. Percebe-se uma forte inscrição de trabalhos sobre a questão racial, indígena e sobre identidade, com forte aporte antropológico nos seguintes trabalhos: *Berço da cultura negra: repertórios culturais afrodescendentes e a apropriação educacional em Sergipe* (UFS/UERJ/UFC);

Educação, gênero e etnia – as oportunidades educacionais da mulher quilombola (UFMA); *Movimento negro e a educação escolar: estratégias de luta contra o racismo* (UFC/UFPI); *Educação, globalização e diversidade cultural: perspectivas para uma consciência antropológica* (UFRN); *Educação e identidade: da escola do branco à escola baniwa* (a autora é antropóloga da Universidade da Amazônia) e *Corporiedade na educação numa perspectiva cultural* (Faced/ Universidade da Amazônia).

Apenas três títulos dos 18 trabalhos que compuseram o Gt-Didática apresentam interfaces com o campo antropológico. São eles: *Memórias ressignificadas: saber fazer o diferente no cotidiano da escola*, da Universidade de Fortaleza-Unifor; *Interdisciplinaridade e prática pedagógica: rompendo as amarras da compartimentalização do saber* (UFPB/UEPB) e *Patrimônio histórico-cultural no ensino da cidade* (UFPB) onde as questões do simbolismo e do imaginário são analisadas. A recorrência na abordagem da questão negra e da identidade está assinalada no GT- Educação Popular com dois trabalhos: *Reminiscência africanas em Mato Grosso: congo e o chorado em Vila Bela* e *Da identidade à produção de subjetividade* ambos da Universidade Federal do Ceará-

No conjunto dos 35 títulos do GT- Currículo registram-se apenas três trabalhos de cunho antropológico: *A transdisciplinaridade e educação* (Uneb) tendo como vertente teórica o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin; *O currículo da escola indígena tapeba e a diferença cultural* (UFC) e *Cultura e produção artística: as relações entre educação e cultura a partir dos anos 60- resistir é preciso* (UFMA).

Dentre os 131 trabalhos do GT - Formação dos Professores alguns títulos tratam da representação social e memória dos professores. Por último, o GT- Filosofia da Educação totaliza 35 títulos, dos quais alguns versam sobre a diversidade cultural, outros abordam a questão racial e a indígena, enquanto outros focalizam suas análises sobre memória e identidade.

As narrativas de exclusão de minorias estão presentes nos diversos Grupos de Trabalho do XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste- Epenn de 2003. Vale ressaltar que, de maneira mais explícita, o GT-Educação e Diversidade Cultural dedica-se à temática do negro com os seguintes títulos: *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*; *Processos de formação de identidade negra em comunidades remanescentes de quilombos: um estudo sobre as comunidades de Barra e Bananal*; *A dinâmica das relações sócio-*

raciais no contexto escolar; A educação escolar no contexto da sociedade brasileira: um processo de exclusão e inclusão do negro; Ações afirmativas para negros no ensino superior; A construção da identidade e os conflitos vividos na inserção em um terreiro de candomblé; Conhecimentos e valores civilizatórios: negros, identidade étnica, oralidade em sala de aula; Memória e identidade: a emergência das memórias da cultura negra no cotidiano da sala de aula. Seus autores são provenientes da Uneb e UFMA.

Outra temática, a indígena, é analisada com dois trabalhos intitulados: *Transculturalidade na Educação- uma experiência da pesquisa em Educação voltada para as sociedades indígenas na Amazônia Brasileira* e *Educação e diversidade cultural- pensando a construção de projetos indígena de escola e os professores indígenas*, ambos da UFMA. Outros trabalhos versam ainda sobre a diversidade e pluralidade cultural na formação do professor (Uneb) e nas relações de gênero na sociedade multicultural de Guiné-Bissau, este, apresentado por uma pesquisadora de Portugal. Convém assinalar que a questão negra tratada no espaço educacional utiliza-se dos referenciais teóricos da antropologia tais como etnia, raça e cultura.

A temática cultura é apresentada no GT- Filosofia da Educação, com os seguintes títulos: *Da danificação da cultura ao dilaceramento do sujeito* (UFBA) e *A linguagem do mito: contribuições para uma educação sensível* (UFRN).

Dos 28 trabalhos apresentados no GT- Currículo, três deles centram-se na temática cultural, seja nas questões da política cultural *Educação, cultura e currículo; mediatizados por uma perspectiva de política cultural-* (UFPB), seja focando a pluralidade cultural nos discursos oficiais nos Parâmetros Curriculares Nacionais ou analisando o currículo escolar público na ótica dos Estudos Culturais, esses últimos da UFC.

A abordagem antropológica se faz presente em alguns trabalhos apresentados no GT Sociologia da Educação, tais como: *A teoria da troca de dádivas e a ressignificação da educação como rede social* (UFPE) *O conceito de violência simbólica na teoria da dominação cultural* e *Aspectos da Cultura de professores* provenientes da UFC.

As narrativas de exclusão também são encontradas no GT Movimentos Sociais e Educação, tendo como foco central a questão do negro: *O Movimento Negro e a educação escolar: estratégias de luta contra o racismo* (UFPI); *A Educação dos afrodescendente na visão dos Movimentos Negros; Exclusão, inclusão precária dos*

afrodescendentes e os etnocentrismos nos currículos escolares, estes dois últimos da UFC. Os autores entre outras colocações apontam que através das atividades de pesquisa, assessoria, ensino e extensão na área de educação escolar têm fomentado interesse pela pesquisa na área do negro divulgando a cultura afrodescendente através de intervenções pedagógicas curriculares

No tradicional espaço do GT-Didática, aparece um trabalho onde o cunho antropológico faz a festa *O banquete imaginário e uma poética do devaneio na educação*, de autoria de João de Deus Vieira Barros da UFMA. O tema complexidade apresentado no texto traz a marca conceitual de Edgar Morim assim como a assinatura de Gaston Bachelard através dos devaneios do repouso e da infância, presentes na análise efetuada pelo autor da comunicação.

Entretanto, é no GT- “Educação e Matemática” que aparece de maneira explícita a interface da ciência antropológica com a Educação. Nele, vamos encontrar um texto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulado *Matemática, Antropologia e Educação: referências para a construção de uma pedagogia etnomatemática*.

Na busca de elementos que nos permitissem garimpar, com um mínimo de conforto, os indícios antropológicos presentes nas temáticas e neles estender os fios para não se perder nos materiais heteróclitos e dispersos encontrados nos três últimos encontros do Epenn, se impôs uma aprendizagem do olhar que religasse interpretação num caminho de idas e vindas ao material disponível. O ato, portanto, de nos debruçamos sobre a produção de um grupo de trabalho (GT-21, denominado *Grupo de Estudos Afro-Brasileiros e Educação*), integrante da estrutura organizativa tanto na Anped quanto no Epenn, teve por base o significado dessa temática como *locus* de produção de conteúdo nitidamente antropológico, centrados na questão étnica.

O GT 21 foi criado em 2002 na Anped, inicialmente como Grupo de Estudos, intitulado *Relações Raciais/ Étnicas e Educação*. Em 2003, altera-se à sua denominação passando a se chamar *Grupo de Estudos Afro-Brasileiros e Educação*. Em 2004, como Grupo de Trabalho, o GT passa a se denominar **Afro-Brasileiros e Educação** (SILVA, 2007. Mimeo).

Sendo assim, escolhas, ordenações, seleções e demais atos que configuram a existência, a permanência e as formas de organização assumidas por esse GT-21 no Epenn, direta ou indiretamente, trazem as marcas das relações de força e de poder próprias de um espaço que atua no sentido de realização de legitimação como indica

Bourdieu. Pontua AZEVEDO e AGUIAR, “É esta ação que se encarrega, em última instância, de fazer emergir os múltiplos objetos em que se transmuda a sua temática e dos quais vão se ocupar os pesquisadores que para ele convergem” (2001, p.51).

Nos três últimos Epenn (2005, 2007 e 2009) a questão afro-brasileira tem entrado capilarmente na reflexão pedagógica. Em 2005, contabiliza-se 22 trabalhos, em 2007, aumenta para 29 trabalhos e em 2009 alcança um total de 51 textos apresentados. Em seu conjunto, terminaram por oferecer uma visão bastante representativa do que se produz sobre a temática. Os textos, na sua maioria, dialogam com autores da Antropologia cujas contribuições significativas têm iluminado o debate sobre o campo educacional.

Na impossibilidade de listar todos os textos, utilizaremos os agrupamentos temáticos adotados pela professora Claudinete Silva (UFPE), em 2007, exemplificando alguns textos como emblemáticos desse diálogo entre Educação e Antropologia.

- **Ações Afirmativas e Políticas de Cotas** (Raça, classe e o debate sobre cotas para acesso de negros a Universidade pública –UFMA; Pedagogia afirmativa: a implementação da Lei 10.639/03 e a formação de professores(as) para as relações étnico-raciais-UFPPB;); Mestiçagem, racismo e cotas para negros no Brasil- é da conta de alguém?-UFAL; Ação afirmativa para negros no ensino superior e a escolha de curso: implicações para a compreensão da lógica do racismo –Uneb; Para além das cotas: a permanência como política de ação afirmativa; A experiência da Universidade Federal do Pará-UFPA: um estudo sobre o projeto de ações afirmativas-políticas de cotas-UFPA; Cotas e inclusão social-Uneb).
- **Manifestações do Racismo no Espaço Escolar** (Trajetória de vida e mediação pedagógica de professoras negras: silêncio,(re)produção e/ou contestação da discriminação étnico-racial na sala de aula –Uneb; Cultura escolar: a reprodução social da condição étnico-racial –Uneb; O corpo metafórico da bela negra-UFPA, O porquê da UFC ser racista-UFPA; Aluno negro em sala branca: impasses da intolerância no ambiente escolar privado-Uneb).
- **Trajetórias Escolares de Professores e Alunos Negros** (Trajetórias lingüístico-raciais de quilombolas na escola-Uneb; Ler o Quilombo contemporâneo: tradições e deslocamento de um lugar aprendiz-UFPA; Malê Debalê: lugar de negro. Lugar de aprender-Bloco Afro Malê Debulê).
- **Educação Escolar e Construção da Identidade Racial** (Juventude negra, educação e hip hop: entre os conhecimentos educacionais eurocêntricos e a luta pela construção da identidade étnico-racial-SED-SEDUC;; A negação do sujeito negro desde a tenra idade(UFPA; A construção da identidade étnico-racial da criança negra quilombola: um olhar reflexivo sobre a auto-estima –Uneb).

- **Memória e Identidade na Construção dos Saberes** (O jogo da(s) memória(s) como possibilidade do pluriculturalismo(Uneb) Ilê Aiyê: passado ancestral e construção de identidade -Universidade Estadual de Santa Cruz-Ba; Griôs: a sabedoria dos velhos africanos na cidade de Lenções/BA-UEFS; Diálogos possíveis para uma educação anti-racista: intelectuais negras(os) e (re) configuração da memória-Uneb; Tecendo saberes: reflexões sobre Educação e a diversidade étnico-cultural-Ufal).
- **Raça e Desigualdades na Educação** (Discurso e inclusão: imagens de negros(as) na educação[UFPB]; Educação quilombola e a luta pela inclusão na perspectiva da educação do campo[UFS]; : A imagem negra emoldurada na escola: sob o discurso da igualdade [UFPA]; A não-inclusão de negros(as) na educação da sociedade da informação e do conhecimento [UFPB]).
- **Relações Raciais, Teoria Educacional e Currículo** (Educação e currículo: interfaces com a diversidade étnico- cultural num território quilombola[Uneb]; Currículo escolar e contexto histórico-cultural: a identidade cultural étnico-racial no cotidiano escolar de professores(as) em comunidades quilombolas de Jambuaçu/Pará [UEPA]).
- **Relações Raciais e Formação de Professores** (A propósito do racismo e formação docente: os desafios de um caminhar [Uneb]; Pedagogia afirmativa: a implementação da Lei 10.639/03 e a formação de professores(as) para as relações étnico-raciais [UfPb]; Relações étnico-raciais no espaço escolar: as implicações que envolvem a formação do professor[FACE]; O legado ancestral africano e a formação docente cristianizada [UESB]; Visão dos professores do ensino fundamental sobre o multiculturalismo [Famasul]).
- **Educação e resistência negra** (Ifaradá – 10 anos de resistência negra através do conhecimento [UFPI]; negro e educação: a pesquisa nos programas de Pós-Graduação em educação do Norte e Nordeste [Uneb]).
- **Outros Agrupamentos** (A dimensão educativa da cultura religiosa do Tambor-de Mina na Amazônia Paraense [UEPA]; Preto, pobre...macumbeiro: um estudo da violência escolar de caráter religioso [SME-ITATU/MA]; Odara: a linguagem mítica dos contos de Mestre [Uneb]).

Negros(as), libertos, movimentos negros, mulheres negras, jovens, crianças, são algumas das categorias de sujeitos que entram na cena escolar configurando um universo objetiva e subjetivamente distinto do até então instituído no sistema de ensino público que se caracteriza pela diversidade cultural dos sujeitos que atuam nas escolas. Entretanto, a diversidade sempre foi fonte de preocupações antropológicas nos estudos que se realizam aquém ou além dos muros escolares.

A produção antropológica sobre a questão racial na escola (o acesso dos negros à educação formal, ou o convívio inter-racial nas escolas) as temáticas negras (a reprodução de estereótipos e preconceitos, na formação das representações sobre esses sujeitos nas práticas escolares e nos conteúdos educacionais); análises das relações sociais de gênero (representações sobre família), análises cotidiano escolar, da produção

e reprodução simbólica, da produção das diferenças identitárias e de exclusão social, entre outras questões, sempre tiveram centralidade nas reflexões dos antropólogos.

E, como pontua Lopes (2009)

[...] Os antropólogos preocupam-se em estudar a educação escolar porque ela é um dos loci institucionais que formam hoje os sujeitos com quem sempre interagiram, do isolamento até sua integração, ou porque ela reproduz representações da formação cultural desses sujeitos entre as diversas categorias de outros sujeitos com os quais estabelecem trocas materiais e simbólicas, na contemporaneidade (Lopes, 2009 p.3).

É possível afirmar que a história recente dos estudos sobre diversidade cultural na educação indica que essa ideia geral encobre preocupações mais específicas e aproximações investigativas que se constituíram desde fora da escola para o seu interior.

(IN) CONCLUINDO

O objetivo foi trazer para reflexão alguns tópicos que orientam as aproximações entre a Antropologia e a Educação numa perspectiva interdisciplinar que estaria sendo aflorada nos encontros bianuais. A presença de tais marcas reveladoras são resultados do diálogo traçado entre as duas áreas do conhecimento, o encontro entre diferentes, o encontro com o outro no espaço escolar. Creio que a abordagem de novos temas, por exemplo, a tendência de se tomar como objeto de estudo grupos subalternos, camponeses, mulheres, negros, homossexuais, indígenas, teriam levado os profissionais da educação a flertarem com variados ramos do conhecimento, como Geografia (Deleuze) História (Foucault) e a Antropologia (Bachelard, Morin, Durand, Lévi-Strauss, Mauss, Munanga, Geertz, Da Mata, Bosi).

Parece oportuno perguntar-se em que medida a reorganização do campo disciplinar é produto do procedimento da constituição de redes organizativas de pesquisa entre pesquisadores representados por instituições e grupos de pesquisa? Seria resultante de uma postura de incentivo à inovação teórica, temática e metodológica, no campo educacional, quanto da construção coletiva para a formação de uma comunidade de pesquisadores dotada de recursos para socializar conhecimento e canais próprios para promover trocas profícuas?

Numa primeira aproximação, esse levantamento, parcialmente realizado, nos permite afirmar que o referencial teórico-metodológico, a múltipla temporalidade e espacialidade, o lócus de pesquisa dos autores dos trabalhos, a interdisciplinaridade, se constituíram nos fatores essenciais dessa interface com a Antropologia, sobretudo, no que ela suscita em termos de ampliação de novos territórios da pesquisa educacional.

Os eixos temáticos que guardam interconecção com o campo antropológico foram assim identificados: relações interétnicas, relações raciais, memória, simbolismo, imaginário e complexidade, identidade e pluralidade cultural, diversidade cultural e mais, eles vêm ocupando um espaço significativo no contexto das pesquisas educacionais, como se pode notar no levantamento efetuado.

Apesar de discretos, é possível aferir diálogos com a Antropologia, numa busca por fontes diversas e objetos específicos para tratar do fenômeno educacional em situações locais, regionais, com suas problemáticas próprias.

Observa-se que a produção, predominantemente, distribuiu-se na contemporaneidade e está ligada, em sua maioria, aos programas de Pós-Graduação das Instituições Federais bem como crescente tendência ao uso da história cultural e abandono de abordagens tradicionais – positivista ou marxista reducionista. A produção analisada desfoca o Estado como principal agente educacional e elege as peculiaridades do fenômeno educacional em suas múltiplas dimensões, diferenças e configurações.

Outro aspecto encontrado foi a *errância* (entendida como a abertura a autores nunca antes assumidos e de múltiplas referências utilizadas nas reflexões e/ou pesquisas apresentadas nos Encontros) como atitude epistemológica. Ela, porém, é, ao mesmo tempo, um ponto forte e fraco do campo da Educação. Se, de um lado, a quantidade de objetos empíricos expressa uma característica necessária a um campo de pesquisa, ela também é problemática, no que se refere ao refinamento de ferramentas analíticas que permitam uma melhor abordagem dos objetos teóricos e empíricos e de suas interrelações com outras áreas do conhecimento.

Os dados apresentados nos artigos/textos analisados derivam e partem de eventos empíricos os mais diversos do campo educacional e como disse Marisa Peirano *o que está realmente em jogo é a determinação do melhor ângulo para a construção do que, é dado – de ce qui et donné* (PEIRANO, 2006, p.32) .

Por uma série de razões, tem-se constituído, assim, como elemento da pesquisa educacional, o enfoque antropológico nos recentes trabalhos apresentados nas últimas reuniões do Epenn (2005, 2007 e 2009), notadamente no GT que trata a questão racial no Brasil. Essa ampla teia de interesses que converge sobre um tema tão caro à Antropologia mostra a relevância social de que ela se reveste. Por isso, talvez, tenha suscitado abordagens diversas e iniciativas de diferentes origens regionais e motivações pessoais dos pesquisadores em Educação.

È necessário pensar também que nessa cartografia elaborada há certas limitações. Deve-se reconhecer que esse material coletado oferece **uma das possíveis** narrativas sobre a produção acadêmica apresentadas nos encontros Epenn's através de uma realidade constituída pelo conjunto de leituras e dados disponíveis. O que pretendi foi interrogar os escritos, considerados como elos de uma cadeia de comunicação verbal da esfera acadêmica, como textos a suscitar respostas e que respondem a outros que o antecedem, apoiando-me na noção bakhtiniana de cadeia verbal.

O que importa para fins deste artigo é evidenciar o que considero fundante no âmbito desse diálogo entre Educação e Antropologia, que se traduz na aproximação do o saber/fazer antropológico suscitando o estudo de certos temas culturais e a sua abordagem através do manejo do seu aparato teórico-metodológico, mas, convém ressaltar, um diálogo marcado por reflexões, levadas a efeito pelos profissionais da educação.

Pretendi contar uma história, uma narrativa, como entende Walter Benjamin (1995). O meu relato não estará concluído e não se propôs fazer uma explicação fechada, definitiva. E, pensando nas palavras de Marco Pólo, nas cidades invisíveis de Ítalo Calvino, entendo que são os olhos que decidirão os destinos dessa narrativa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Tendências atuais da pesquisa na escola In:Antropologia e Educação-interfaces do ensino e da pesquisa. Campinas-São Paulo: **CEDES** 43. 1997

ANGELUCCI, et alli. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1.p51-72, jan/abr.2004.

AZEVEDO, Janete. M. Lins de & AGUIAR, Márcia A. A produção do conhecimento sobre a política educacional no Brasil: um olhar a partir da ANPED . **Educação & Sociedade**. Campinas-SP (77): 49-70. dez. 2001.

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas** [Rua de mão única] 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva. 1976

CAMPOS, M. M.& FÁVERO, Osmar. A pesquisa em Educação no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo (88):5-17, fev. 1994.

COSTA, M. C. V. Pesquisa em educação: concepções de ciência, paradigmas teóricos e produção de conhecimentos. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (90): 15-20, ago. 1994.

CUNHA, Luiz Antônio. Pós-graduação em Educação: no ponto de inflexão? **Cadernos de Pesquisa** (77): 63-67. maio, 1991.

DELEUZE, Giles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE,14. 1999, Salvador. **Anais**. Pós-Graduação em Educação da UFBA,1999.

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE,15. 2001.São Luís. **Anais**. 2001

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE,16. 2003, Aracaju. **Anais**. 2003.

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE,17. 2005,Belém. **Anais**. 2005.

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE,18 2007. Maceió. **Anais**. 2007.

ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE,19 2009. João Pessoa. **Anais**. 2009.

GATTI, Bernardete A. Pesquisa em Educação: um tema em debate. **Cadernos de Pesquisa** (80):106-111fev. 1992.

_____, Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo (113): 1-14. jul. 2001.

GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. P.1-48, jul. 1971.

LOPES, José Rogério. “Antropologia, educação e condicionamentos culturais: pensando as mediações no processo de socialização escolar”. **Educar em Revista**. n.33, p1-10 Curitiba.2009.

MELLO, Guiomar N. de. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa** (46):67-72, ago. 1983

MORIN, Edgar. **O Método 5- a humanidade da humanidade; a identidade humana**. Sulina, 2003

PARAISO, M. A. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Caderno de Pesquisa** 34 (122): 1-18. São Paulo mai./ago. 2004

PEIRANO, Marisa. **A teoria vivida e outros ensaios de Antropologia**. Zahar Editor: Rio de Janeiro,2006.

VIEIRA, Sofia L. A pesquisa em educação no Brasil: conversando sobre problemas, perspectivas e prioridades. **Cadernos de Pesquisa** (55): 81-84, nov. 1985.

WEBER, Silke. A produção recente na área da Educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo Fundação Carlos Chagas. (81): 22-32, maio 1992.